

A TRÍADE “DINHEIRO, SEGURANÇA E DISCIPULADO”: UMA MÍSTICA LIBERTADORA SEGUNDO LUCAS

Darlyson Feitosa*

Introdução

Ser discípulo de Cristo, segundo Lucas (Terceiro Evangelho), é trilhar um caminho que conduz à libertação do indivíduo de forças que o prendem física e espiritualmente. O indivíduo liberto passará a viver sob uma espiritualidade que se coloca em antítese com a ordem material vigente. Essa mística libertadora que emerge das narrativas lucanas configura-se como um tipo de libertação ativa e participativa. Ativa no sentido de ação pró-libertação pessoal; participativa no sentido da ação pró-libertação coletiva. A manifestação da espiritualidade do discípulo ganha contornos práticos: o discípulo é desafiado a uma mística espiritual que o liberta das cadeias da atração pela posse, atração pela certeza e atração e atração por caminhos fáceis de serem percorridos.

Embora considerado sob o ponto de vista do argumento de Lucas no primeiro século, não se requer grande esforço para a constatação de sua atualidade. O homem moderno assumiu sua postura pró-propriedade, sua postura irreligiosa, em franca antítese com a perspectiva místico-libertadora aqui evidenciada. A libertação virá a partir de uma perspectiva sobre a relação do candidato pró-Cristo com os valores monetários (o dinheiro), a sua estabilidade incerta (a segurança), e o caminho a ser seguido (o discípulo). O tema, assim mesmo trifocal, estimula-nos a considerar e analisar a nossa presente realidade cristã, e quiçá esboçarmos reações que fomentam nossa própria espiritualidade, à semelhança daqueles discípulos que aceitaram a proposta de Jesus.

Procurando uma análise concentrada, isto é, conjunta do tema, faz-se necessário ratificar que a parte exegética do argumento aqui apresentado é oriunda apenas do próprio *Evangelho segundo Lucas*, na medida em que isso é possível. Isso significa que há uma proposital exclusão de tantos textos bíblicos paralelos, bem como notas de comentários de outros autores, o que, especificamente aqui nesta abordagem, torna sem necessidade uma referência bibliográfica extensa, senão uma básica. Algumas referências textuais extra-Lucas servem como suporte ou ilustração, visto que a exposição lucana é, na maioria das vezes, direta e acessível. Deixa-se claro também que *Lucas* é uma referência ao Terceiro Evangelho conforme o temos, não sendo necessariamente uma referência ao personagem histórico Lucas. Evita-se, pois, a questão de autoria e composição textual, temas relevantes a um outro tipo de abordagem.

* O autor estudou teologia em Brasília e na Alemanha. Tem também formação em Docência do Ensino Superior. Leciona na área do Novo Testamento e Período Interbíblico em Brasília. Atualmente é mestrando em Ciências da Religião na UCG. Contatos: darlyson@uol.com.br.

Quanto ao discurso, o que se segue é um tratamento geral do tema *Dinheiro, Segurança e Discipulado* debaixo de uma perspectiva místico-libertadora. Assume-se, pelas razões que seguem, que espiritualidade a ser alcançada e praticada pelo discípulo de Cristo não é especulativa, mas prática e promotora de uma libertação.

Há uma tentativa explícita de se tentar relacionar conjuntamente os três temas, ainda que respeitando as diferenças específicas de cada um dos termos. Isso significa que todas as referências isoladas a *dinheiro* são de alguma maneira direcionadas à perspectiva deste com *segurança* e *discipulado*. Semelhantemente, ao falar sobre *segurança* ou *discipulado*, tem-se em vista os relacionamentos existentes entre ambos e também as implicações deste com o tema *dinheiro*. O que resulta, pois, é um argumento que inclui conjuntamente as diferentes perspectivas da *posse*, da *estabilidade* e da *submissão/seguimento*. Naturalmente a escolha de tais termos, que resultam no tema, não se dá aleatoriamente. Há razões textuais e estruturais que justificam a análise conjunta e haveremos de nos esforçar para que os devidos exemplos fiquem claros.

Há várias possibilidades de conceituação para o termo *dinheiro*. Mesmo com algum risco de inadequação semântica, referimo-nos ao termo como sinônimo de *posse/bens*. Lucas utiliza várias palavras que denotam a propriedade: a referência à moeda corrente com o termo *argyrion* (9,3; 19,15.23; 22,5); algum elemento de posse, material ou não, com o termo *agathos* (1,53; 12,18.19; 16,25); da mesma forma o termo *yparkho* (8,3; 11,21; 12,15.33.44; 16,1; 19,8); *ousia* é usado numa referência a riqueza relacionada a herança (15,12.13); há quem veja o vocábulo *bios* como usado em relação aos bens imprescindíveis à vida ou de grande valor para o proprietário, como a própria vida, devido o vocábulo também significar *vida*. Mas o seu uso parece indicar somente propriedade (15,12.30); algumas vezes *skevos* se refere a um vaso, mas também pode indicar algum outro utensílio doméstico (8,16; 17,31); *krima* se refere ao dinheiro ou às riquezas de um modo geral (18,24); talvez o termo mais popular para riqueza (mas pouco usado em Lucas) seja *mamonas* (16,9.11.13); *lepton* é uma moeda de pequeno valor de compra (21,2).

Esses termos nos ajudam a absorver melhor o conceito geral de dinheiro e, particularmente, entender a mística que o envolve. Geralmente eles são usados em Lucas como sinônimos. Havendo uma particularidade, esforçar-nos-emos para evidenciá-la.

1. O iniciador da tríade

A libertação ansiada, buscada e pregada nos relatos lucanos é apresentada debaixo da tríade *dinheiro, segurança e discipulado*. Fortemente destacada em Lucas, ela tem o seu precursor em João Batista. O Batista não foi apenas o precursor de Jesus no tempo e no espaço, mas também no conteúdo da mensagem do evangelho. Ao começar a pregar, ele não mediu palavras para expressar suas convicções sobre qual deveria ser a postura daqueles que o seguiam. No início do seu ministério, o místico João direciona uma mensagem a três grupos diferentes de pessoas, que nos serve de base introdutória para a nossa argumentação:

1. Dirigindo-se ao povo, João reivindica a solidariedade e o amor: “*Ele respondia: ‘Quem tiver duas túnicas, dê uma a quem não tem. E quem tiver comida, faça a mesma coisa’*” (3,11)¹. É notório que a mensagem de arrependimento pregada pelo Batista incluía a necessidade de uma postura solidária e amorosa do povo. O arrependimento requerido possuía não apenas uma dimensão espiritual, mas também um claro indicativo prático. Túnica e comida, ou seja, roupa e alimento, são aqui meros símbolos indicativos das necessidades mais básicas do ser humano. Não há exatamente originalidade nessa declaração do Batista, visto que há muito isto já estava explícito na Lei, nos profetas e na sabedoria judaica (cf. Is 58,7; Ecl 11,2). Ademais, tempos depois, Jesus também expõe aos discípulos enviados o procedimento na missão de pregação e de cura, com exigências de desembaraço de vários bens, dentre os quais as *duas túnicas*. Todavia, tal teor prático, como que a inaugurar o ministério expositivo da ética cristã, evidencia o contorno e o conteúdo daqueles que em breve seriam chamados de cristãos e discípulos de Cristo.

Ter só o necessário, eis o desafio de João, eis o desafio de Jesus, eis o desafio para o discípulo do primeiro século, para o discípulo do terceiro milênio. Estamos entrando no século com o pensamento capitalista cristalizado. As ciências econômicas dominam o cotidiano e fazem do indivíduo um objeto, ou um escravo, tanto um escravo devido aos bens que se tem, como um escravo devido aos bens que não se tem. A sociedade moderna criou enormes mecanismos para impedir o compartilhamento da túnica e do pão, de modo que já não há tanto incômodo nem com aquele que não tem, nem com o que muito tem. Esses mecanismos tentam coibir o nascer e o caminhar da espiritualidade ensinada por Jesus.

2. Dirigindo-se aos publicanos, João lhes sentenciou: “*Não cobrem nada além da taxa estabelecida*” (3,13). Estava, pois, declarada a oposição ao roubo, à ganância e à corrupção que o sistema de cobrança de impostos permitia. Não há aqui uma palavra de concordância com o sistema de impostos de então. O que o Batista requeria era algo eminentemente prático. Os que cobravam imposto ou emprestavam dinheiro deveriam parar com a prática de ganho além do estabelecido por lei. Se a lei em si já era pesada, conviver ainda com a ganância dos que detinham o poder econômico era inadmissível com a ética que o Batista evidenciava.

3. Dirigindo-se aos soldados, os representantes do poder dominador, João lhes disse: “*Não maltratem ninguém; não façam acusações falsas, e fiquem contentes com o salário de vocês*” (3,14). João contestava, pois, o uso da força que era inerente aos militares, para enriquecimento ou aumento do soldo. Que alguém merecesse ou não um salário melhor não é a questão principal aqui. A questão é alguém ou uma classe usar de suas prerrogativas inerentes à função, a fim de obter vantagens pessoais em detrimento e aflição de outro cidadão ou classe.

Estas três palavras, direcionadas a três classes, são uma amostra inicial da importância que o dinheiro exerce nos relacionamentos interpessoais e inter-sociais, e co-

1. A versão bíblica usada para todas as referências é a da Bíblia Sagrada – Edição Pastoral. 4ª. impr., 1990.

meçam a mostrar a mística libertadora evidenciada por Lucas àquele que se arvora seguir a Jesus, com as considerações práticas sobre poder, estabilidade e renúncia do discípulo. No relato lucano, João introduz, então, aquilo que será freqüentemente destacado por Jesus em seu ministério. O precursor levanta a necessidade de *arrependimento*, mostrando qual deve ser a postura de um arrependido.

O argumento que se segue passa a mostrar, pois, a vida cristã sob tal perspectiva libertadora, onde o dinheiro (poder), segurança (estabilidade) e discipulado (renúncia) formarão o quadro místico-libertador daquele que segue o Cristo.

2. A postura de Jesus diante da tríade

Lucas dá uma dimensão libertadora à tentação sofrida por Jesus. Quando Satanás se apresentou para tentar a Jesus no deserto, levava consigo as melhores estratégias para obter sucesso. Dentre elas, o oferecimento a Jesus da glória sobre os reinos do mundo. O argumento satânico era simples: Jesus receberia glória humana e ofereceria adoração a Satanás. A resposta de Jesus é contundente: “*Você adorará o Senhor seu Deus, e somente a ele servirá*” (4,8). O que nos importa neste relato é a surpreendente tríade presente na oferta satânica: *Dinheiro* – como sinônimo de poder, referindo-se aos reinos do mundo; *Segurança* – a autoridade e a glória dos reinos; *Discipulado* – a adoração a Satanás. Parece-nos que menosprezar essa tríade sem os devidos cuidados é estar sujeito às mesmas investidas satânicas. Há, constante e perigosamente, um quê de diabólico nas riquezas mundanas. Elas são acompanhadas de uma contrapartida de submissão. Nesse episódio da tentação Jesus as refutou, voltando-se para o que Deus esperava dele: exclusividade. Para a libertação do poder que a tríade exerce sobre o homem, o homem Jesus abre o caminho da libertação com o seu próprio exemplo. A mística libertadora é alimentada pelos símbolos do deserto, do pão, do poder, dos reinos deste mundo.

3. A postura dos primeiros discípulos diante da tríade

Lucas escreve sobre os primeiros discípulos, que eles “*levaram as barcas para a margem, deixaram tudo, e seguiram a Jesus*” (5,11). O texto é singelo, mas mostra verdades notórias. Simão, Tiago e João estavam deixando dois barcos cheios de peixes. Ora, peixe é a maior riqueza de um pescador. Aqueles homens estavam deixando um tesouro para trás ao optarem seguir a Cristo. Jesus passava a ser a riqueza deles, embora esta figura não lhes fosse devidamente clara então. O que estava claro é que a fonte de renda deles fora desafiada pelo chamado de Jesus. Ao chamá-los, Jesus também tinha consciência das perdas financeiras daqueles homens, particularmente naquela ocasião, com dois barcos cheios de peixes. Mas a mensagem implícita é que os discípulos compreenderam a necessidade de seguir aquele que podia encher os barcos de peixes, mesmo numa época ruim para a pescaria! Fica, pois, evidente, que uma renúncia a algo para seguir a Jesus não é cercada de aparências espetaculares. Tais aparências ficam para trás. O que se tem à frente é tão-somente a pessoa de Cristo e um horizonte desconhecido. Naturalmente os discípulos poderiam se sentir recompensados

e seguros em seus barcos. Mas agora os seus barcos, que representavam segurança para eles e suas famílias, ficam para trás. Começam, pois, a pagar o preço do discipulado, deixando para trás as aparências espetaculares – barco cheio de peixes – partindo rumo às aparências singelas, um mestre galileu.

Parece ser um tanto quanto irônico se pudéssemos imaginar uma história ao contrário: que o barco cheio de peixes fosse entendido como bênçãos de Deus para homens tão necessitados. Deixar os barcos poderia ser então entendido como menosprezar as bênçãos de Deus. Não encontramos algo dessa natureza em nossa presente jornada cristã? Não costumamos fomentar a teologia de que os barcos cheios de peixes serão encontrados *após* o seguir a Jesus? Na mística libertadora de Lucas, os barcos cheios de peixes são o passado. O presente é o encontro com Jesus e o futuro é o discipulado com Jesus. O quadro místico-libertador é, nesse instante, incerto, e a libertação começa a se configurar dentro de uma perspectiva de fé.

Outra narrativa ilustrativa da tríade se encontra nas palavras: “*Levi deixou tudo, levantou-se, e seguiu a Jesus*” (5,28). Naturalmente, à semelhança de Simão, Tiago e João, Levi teve fé. Acreditou nas palavras de Jesus. Entretanto, o que ratificamos é que Levi deixou o seu emprego rentável. Como publicano, é provável que ele estivesse incluído naquele grupo a quem o Batista se dirigiu, que cobrava além da conta. Com o gesto de seguir a Jesus a segurança monetária de Levi estava ficando para trás, pois eliminava de sua vida a raiz de seus ganhos, que lhe davam uma posição privilegiada financeiramente. Ele passará então a ser desafiado por um outro tipo de riqueza e segurança: Jesus. Riqueza e segurança para os discípulos de Jesus só podem vir do próprio Jesus, após um ato específico de renúncia às forças que antes proporcionavam ganho e estabilidade.

Uma digressão necessária: Jesus nos exigiria a mesma postura hoje? Caso seguissemos ao pé da letra o texto, logo não teríamos um exército de desempregados como discípulos modernos de Jesus, fomentando uma espécie de mística da pobreza redentora? Olhemos o problema pelo lado conceitual. Não há um chamado de Jesus *hoje* para que todos sejam os seguidores diretos, como não houve naquela época. É evidente que o grupo a que Lucas se refere se constitui num grupo seletivo, especial, que irá acompanhar Jesus na jornada de divulgação das boas-novas. Haveria necessidade de alguns não seguirem fisicamente Jesus pelos caminhos da Judéia, ficando em casa para inclusive receber os discípulos. Todavia, tanto para aqueles que deveriam seguir fisicamente Jesus como para aqueles que ficariam na retaguarda, o princípio é o mesmo: todos deveriam se desapegar dos bens pessoais, a fim de que o senhorio de Cristo neles se manifestasse.

4. A pregação da tríade ao povo

A pregação de Jesus Cristo é algo de desconcertante para os seus ouvintes, pois ele lhes apresenta novos valores nos relacionamentos. Jesus mostra a antítese que há entre os oprimidos e os opressores; entre os pobres e os ricos. Aos pobres *Jesus disse: “Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence. Felizes de vocês*

que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes de vocês que agora choram, porque não têm de rir...” (6,20-21). E aos ricos: “Mas, ai de vocês, os ricos, porque já têm a sua consolação! Ai de vocês, que agora têm fartura, porque vão passar fome!” (6,24-25). Que mensagem é essa? Como pode haver alegria na falta de dinheiro e segurança? Há de se levar em consideração que

“a riqueza é antes de tudo desumanização do rico, porque faz com que ponha o coração nos tesouros (Lc 12,34; Mt 6,21) que lhe dão vida verdadeira (Lc 12,15). Ocorre aqui uma primeira condenação da riqueza que poderíamos chamar sapiencial, mas que é decisiva, pois Jesus busca o bem de todos. Só quem põe o coração em Deus e busca o Reino de Deus se humaniza verdadeiramente”².

A pregação de Jesus mostra que os pobres têm nele a esperança para as suas dores e aflições, ao passo que os ricos estão com suas mentes e vidas voltadas para as suas riquezas terrenas e nelas confiam. Parece que Lucas fomenta a dificuldade de espaço para os ricos junto ao Cristo, como a dizer que onde não há renúncia ao dinheiro, não há espaço para Cristo. Observa-se, assim, na narrativa lucana, a forte ênfase que Cristo dá à necessidade de não se ter apego aos bens, não ser avarento. “*se alguém lhe toma o manto, deixe que leve também a túnica. Dê a quem lhe pede e, se alguém tira o que é de você, não peça que devolva*” (6,29-30). As palavras de Jesus não são um apelo à passividade inútil ou covarde, mas um ensino ao desapego aos bens materiais. Semelhantemente, ele afirmou: “*emprestem, sem esperar coisa alguma em troca. Então, a recompensa de vocês será grande, e vocês serão filhos do Altíssimo, porque Deus é bondoso também para com os ingratos e maus*” (6,35). Está, pois, estabelecida qual a postura exigida por Cristo naquilo que se refere aos bens e a segurança que eles proporcionam.

Entretanto, Lucas enfatiza a mensagem de Jesus sobre *dinheiro, segurança e discipulado* não apenas de forma teórica. Uma importante ênfase é ilustrada na narrativa da multiplicação dos pães. Os discípulos falam para Jesus: “*Só temos cinco pães e dois peixes*” (9,13). Do ponto de vista literário, tal registro parece uma inserção irônica do autor, pois alguns dos discípulos tinham deixado barcos cheios de peixes para trás e agora tinham só dois peixes para repartir com uma multidão! Da abundância ao mínimo. Da fartura aos poucos recursos. Do sensacional ao trivial. Faltava-lhes agora um daqueles elementos básicos para a vida humana: comida. Valeu a pena seguir a Jesus? Entra em cena a mística libertadora lucana, que constrói a narrativa para comprovar que a riqueza estava no próprio Cristo e que nele os discípulos estavam seguros. Lucas escreve que “*Todos comeram, ficaram satisfeitos, e ainda foram recolhidos doze cestos de pedaços que sobraram*” (9,17). O que se passou no pensamento dos discípulos não nos é narrado. Podemos somente imaginar a admiração de todos com a descoberta de mais uma faceta daquele a quem seguiam.

É desse modo que, segundo Lucas, Jesus estabelece com convicção as bases para uma vida sob a sua proteção, contestando os valores mundanos. “*Tenham cuidado com qualquer tipo de ganância. Porque, mesmo que alguém tenha muitas coisas, a*

2. SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 255.

sua vida não depende de seus bens” (12,15). Essa é a verdade do Cristo: a propriedade privada, mesmo que abundante, não proporciona segurança verdadeira. Na parábola do rico que tinha um campo muito produtivo, Jesus afirma categoricamente que a morte é o que espera aqueles que depositam suas riquezas em si mesmos e não são ricos diante de Deus (12,16-21). Esta parábola mostra que a riqueza e a insensatez caminham juntas. Eis o porquê de Jesus declarar: “*busquem o Reino dele, e Deus dará a vocês essas coisas em acréscimo*” (12,31).

5. A vida em Cristo e a tríade

Não perdendo de vista os fortes elos que existem entre *dinheiro, segurança e discipulado*, vejamos finalmente quais as circunstâncias destacadas por Jesus que envolvem o discipulado, o seguimento de Jesus, considerando a questão do dinheiro e segurança. Nas palavras de Scherer³,

“O seguimento de Jesus significa, portanto, comunhão de destino com Jesus, na fidelidade a Deus e no que isso supõe de renúncia e privações, de sofrimentos, oposições e desprezo por parte dos homens. À medida que vai pesando sobre o caminho de Jesus a ameaça do fim violento, Jesus convida os discípulos a serem solidários com ele nesse caminho de rejeição e sofrimento do Filho do Homem-justo sofredor”.

Assim, a primeira questão que se impõe é a necessidade de uma decisão consciente sobre o significado de seguir a Jesus. A velocidade que Lucas imprime evidencia que ninguém conseguirá ser discípulo com os olhos voltados para trás, para os barcos cheios de peixes, para as glórias que o mundo oferece. Falando à multidão, Jesus afirmou a necessidade da pessoa avaliar se realmente deseja segui-lo. Ilustrou com um construtor que precisa saber das implicações e despesas que terá ao iniciar a construção de uma torre; ou a de um rei, se pode ou não entrar em uma guerra (14,28-32). Ambos, para que depois não desistam de seus empreendimentos com altos prejuízos. Em outras palavras, a vida cristã seria muito mais autêntica se todos voluntariosos considerassem previamente se verdadeiramente querem seguir a Jesus. Esta é a primeira condição: decisão consciente.

Esta primeira condição encontra um adversário pouco considerado na cristandade como causa: poucas são as mensagens, os convites de se seguir a Jesus, que apresentam de forma inequívoca a necessidade de decisão consciente. Há inúmeros tratados e práticas centralizadas numa decisão emocional. E cá não estamos desconsiderando o valor das emoções, mas defendendo que a primazia de uma decisão para seguir a Jesus se baseia em cruz como sinônimo de morte. Não é demais observar que o contexto dessas duas mencionadas comparações é concomitante à presença de uma grande multidão seguindo a Jesus. No nosso presente tempo de frenéticas ênfases nos números, consideraríamos aquela multidão como uma igreja de sucesso, com aquele

3. SCHERER, Odilo Pedro. “*Justo Sofredor*”: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo. São Paulo: Loyola, 1995, p.270-271.

ministério alternativo, a igreja que está dando certo, a igreja da moda. A interpretação de Jesus para o fenômeno do discipulado não considera em primeira instância os números ou o entusiasmo do povo a segui-lo, mas a convicção de quem quer segui-lo.

Um segundo aspecto dentro da perspectiva da vida em Cristo e a tríade é visto através de quatro verbos, suficientemente fortes para mostrar a dimensão das relações e rupturas existentes entre valor, segurança e renúncia: *odiar, carregar, seguir, deixar*.

1. *Odiar*. “*Se alguém vem a mim, e não dá preferência mais a mim que ao seu pai, à sua mãe, à mulher, aos filhos, aos irmãos, às irmãs, e até mesmo à sua própria vida, esse não pode ser meu discípulo*” (14,26). “*Não dá preferência*” é um eufemismo para o verbo *odiar* (*misein*). Esse verbo não possui na Bíblia um único sentido, mas todos os seus usos indicam algo negativo realizado, em vigor, ou ainda em intenção. Aqui o negativo é a primazia. A família, ainda que considerada como dádiva divina, não pode ter primazia em relação ao doador. Portanto, Jesus não está pregando contra a família, contra o amor fraternal. Os termos aqui empregados – pai, mãe, mulher, filhos, a própria vida – representam os interesses mais nobres e básicos que qualquer pessoa pode ter⁴. Jesus está afirmando, então, que, por mais nobres que sejam esses interesses, jamais eles podem ser considerados superiores à sua própria pessoa. Quaisquer que sejam os interesses ou vínculos de alguém, tudo deve ficar para trás a partir do ato do compromisso com Cristo. Parte da irrelevância de muitos grupos cristãos está fortemente centrada nesta triste realidade: há interesses e vínculos maiores que a pessoa de Jesus Cristo. Do mesmo modo, parte do nanismo espiritual, ou frustrações com o Evangelho do Cristo, reside no fato: a mística da libertação total em Cristo e a primazia que ela deve ter são menosprezadas. Por tal, para Lucas, é imperativo que a postura ao lado de Jesus se configure como sendo uma transformação de vida. Passa-se a fazer parte de uma nova sociedade, onde Ele é tanto o agente fundador, como o conteúdo da sociedade por Ele proposta. Jesus é tanto o proponente quanto o requerente. A proposta do discipulado não elimina a família, pelo contrário, inaugura-a. Assim são as suas palavras: “*Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus, e a põem em prática*” (8,21).

2. *Carregar*: “*Quem não carrega sua cruz... não pode ser meu discípulo*” (14,27). Ora, ninguém está seguro com um peso em suas costas! Ao contrário, está vacilante, à mercê de uma queda. Mas a verdade está nesta aparente contradição: ao estar propenso a cair, o Senhor é quem segura discípulo. Se alguém está livre e desimpedido, confiante em suas próprias forças, não precisa de alguém a lhe socorrer. Mas se houver esforço para, dia após dia, cumprir a sua missão, os olhos ao Senhor se voltarão com muito mais frequência e dependência. A cruz reivindica do discípulo, dentre outras verdades, a ininterrupta postura de dependência.

3. *Seguir*: “*... e não caminha atrás de mim, não pode ser meu discípulo*” (14,27). Seguir com o peso da responsabilidade individual, confiando em Cristo à frente. À luz dessa verdade, é possível então ter a cruz sobre os ombros e seguir o caminho que não

4. Em 18,20 o mandamento familiar é lembrado.

seja o de Cristo. Para muitos, ter uma cruz sobre os ombros já é em si mesmo um ato digno de louvor. Para outros, carregar a cruz lhes daria a capacidade de barganha, na base do “*eu fiz, eu mereço*”.

4. *Deixar*: “*Do mesmo modo, portanto, qualquer de vocês, se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo*” (14,33). Deixar para trás, em segundo plano, todos os elementos que supostamente poderiam dar estabilidade, optando por seguir a Jesus conscientemente, são fomentos para a mística libertadora. O discípulo se torna um místico que foi libertado, um místico que deixou tudo para trás. Conforme Brandt, é a experiência com a graça que liberta que nos dá segurança para nos sentirmos acolhidos por Deus⁵. “Deixar para trás” significa, para o discípulo, conseguir algo à frente, a espiritualidade no Cristo, sob a mística libertadora do Cristo.

Essas exigências de Jesus já tinham sido enfatizadas anteriormente (9,23-25). O preço por deixar o dinheiro, a segurança dos bens para seguir a Jesus têm uma conotação de valor (monetário). Mas Jesus bem lembrou: “*De fato, que adianta um homem ganhar o mundo inteiro, se perde e destrói a si mesmo?*” (9,25). De fato, há uma impossibilidade explícita em conciliar duas riquezas. Ou se confia nas riquezas e segurança que o mundo oferece, como Satanás ofereceu a Cristo, ou se aceita as riquezas de Deus e a segurança que Cristo oferece. Lucas registra a palavra que Cristo proferiu a um homem que obedecia todos os mandamentos, mas não tinha paz, não era feliz. Jesus pediu-lhe que vendesse tudo e distribuísse com os pobres e depois o seguisse. O homem se entristeceu, porque teria que se desfazer das riquezas que lhe proporcionavam prazer e segurança. Ele não quis trocar as suas riquezas materiais pela riqueza que há em Jesus. Por isso, “*Como é difícil para os ricos entrar no Reino de Deus!*” (18,24). Jesus acrescenta que estes só podem ser salvos porque para Deus nada é impossível! De forma dramática, Foster lembra que “o dinheiro se torna um problema que consome e domina a vida toda. É um deus que exige devoção total”⁶. Ou seja, não há relacionamento imparcial com o dinheiro. Essa parcialidade na relação com o dinheiro acaba se constituindo um obstáculo para o discipulado, um impedimento à espiritualidade.

Sim, há uma impossibilidade explícita de conciliação entre a estabilidade deste mundo e a que Cristo oferece: “*Nenhum empregado pode servir a dois senhores, porque, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro*” (16,13). Não é sem, pois, sem entusiasmo que Lucas registra a contagiante conversão de Zaqueu. O primeiro impulso de Zaqueu foi desvencilhar-se dos laços materiais que o prendiam há tempos. E a sua libertação é claramente manifesta, quando compreende que enganou a muitos e que precisava restituir-lhes com juros. Fixa-se a posição da mística libertadora, aqui libertação do poder financeiro, dando respaldo ao fato de que o Evangelho foi anunciado aos pobres (14, 21-23). Na síntese de Moltmann⁷,

5. BRANDT, Hermann. *Espiritualidade – Vivência da graça*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

6. FOSTER, Richard J. *Dinheiro, sexo e poder*. O desafio da vida cristã. São Paulo: Mundo Cristão, 1988, p. 27.

7. MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 143.

“O ‘rico’ tem o poder (Lc 1,46-54). Pode barganhar o trigo e fazer subir os preços, e assim tornar os pobres ainda mais pobres. O cobrador de taxas alfandegárias é rico porque defrauda (Lc 19,1-10) e porque abusa do seu poder à custa dos impotentes que não têm com que se defender. O Deus dos ricos é o ‘dinheiro da iniquidade’ (Lc 16,9), e este é desonesto. Portanto, os ricos devem ser desmascarados como os desonestos e violentos. Se Jesus e seus discípulos anunciam o Evangelho aos pobres, então anunciam expressa ou tacitamente o juízo de Deus aos ricos (Lc 6,24). Isso não é um sonho de vingança dos escravos, mas o anúncio da justiça de Deus vindoura que restabelece também os ricos, não, porém, como ricos, mas como pessoas”.

Semelhantemente, Jesus elogia a atitude da viúva pobre, que estava dando para Deus tudo o que tinha (21,1-4). Para fazer o que fez, ela já houvera se desvencilhado da força poderosa do dinheiro.

Sim, para o discipulado há a vital necessidade de uma troca: os bens deste mundo, quaisquer que sejam, devem ser trocados pela pessoa de Jesus Cristo. Os discípulos de Jesus não podem mais sentir saudades do que ficou para trás. A pessoa de Cristo à frente é quem deve determinar toda a postura de vitória que o discípulo deve ter. “*Quem põe a mão no arado e olha para trás, não serve para o Reino de Deus*” (9,62).

Conclusão

Dinheiro, segurança e discipulado é a tríade freqüente na narrativa lucana. Para Lucas, Jesus não obscurece palavras ao falar sobre o assunto. Quando enviou os seus discípulos a pregar em várias regiões, Jesus provou-lhes a fé ao ordenar: “*Vão! Estou enviando vocês como cordeiros para o meio de lobos. Não levem bolsa, nem sacola, nem sandálias, e não parem no caminho para cumprimentar ninguém*” (10,3-4). Esse é o desafio do discipulado. Nenhum quadro romântico é proposto. Trata-se da loucura do Evangelho, como se um soldado fosse mandado à frente de batalha, sem armas, sem alimento. Configura-se, desta forma, que a mística libertadora: a espiritualidade proposta no Terceiro Evangelho é de radical renúncia. Tempo depois, ao se referir a este episódio, Lucas escreve o diálogo de Jesus com os seus: “*Jesus perguntou aos apóstolos: ‘Quando eu enviei vocês sem bolsa, sem sacola, sem sandálias, faltou alguma coisa para vocês?’ Eles responderam: ‘Nada!’*” (22,35). Não poderia faltar nada a eles, pois fora Cristo quem os enviara. Aqui o nosso tema encontra perfeita harmonia. Os que são enviados por Jesus estão sempre sob a proteção dele. Não há dependência de outras forças, mas somente dependência do poder dele. O discipulado leva em consideração a riqueza e segurança que há em Jesus Cristo. Jesus, conhecedor dos corações humanos, sabia que era necessário ao homem romper com as forças dos bens terrenos, conclamando os seus ouvintes a uma decisão definitiva:

“Não tenha medo, pequeno rebanho, porque o Pai de vocês tem prazer em dar-lhes o Reino. Vendam os seus bens e dêem o dinheiro em esmola. Façam bolsas que não envelhecem, um tesouro que não perde o seu valor no céu: lá o la-

drão não chega, nem a traça rói. De fato, onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração” (12,32-34).

Esse “não ter medo” exige uma *cabeça erguida* (21,28), quaisquer que sejam as adversidades. Moltmann sugere que essa *cabeça erguida* “torna-se uma vida que, no empenho por justiça e paz neste mundo, está dedicada à colaboração no reino de Deus”⁸. O empenho por justiça e paz no mundo é a espiritualidade prática do discípulo.

A mensagem que fica e que nos chega de forma viva ainda hoje é que lutamos contra uma força poderosa chamada dinheiro. Esta força é capaz de corromper o homem, acenando-lhe com aquilo que é de mais buscado por todos: poder e segurança. Tal força não pode ser conciliada com o seguir a Cristo, pois Cristo não aceita uma postura dividida de seus seguidores. Os seguidores do Cristo são desafiados a depositar toda a esperança e perspectiva no Cristo. Quando o cristão perde de vista tal perspectiva ele fica definhando em práticas vãs e repetitivas. Mas quando ela absorve inteiramente o significado do discipulado, ela desfruta da verdadeira riqueza e segurança que há em Cristo. Por tal, Jesus foi categórico em sua palavra sobre a tríade:

“E eu afirmo a vocês que aquele que, por causa do Reino de Deus, deixar casa, esposa, irmãos, parentes ou filhos, receberá ainda nesta vida muito mais e, no futuro, a vida eterna” (18,29).

Bibliografia

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 3. ed. 1982.

BOFF, Leonardo e BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 4. ed., 1999.

BRANDT, Hermann. *Espiritualidade – Vivência da graça*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

FOSTER, Richard J. *Dinheiro, sexo e poder: o desafio da vida cristã*. Tradução de Wanda de Assunção. São Paulo: Mundo Cristão, 1988.

MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. Tradução de Ilson Kayser. Petrópolis: Vozes, 1992.

SCHERER, Odilo Pedro. *“Justo Sofredor”*: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo. São Paulo: Loyola, 1995.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2. ed., 1996.

STEIL, Carlos Alberto. A igreja dos pobres: da secularização à mística. In *Religião e sociedade*, vol. 19, ano 2, 1999, p. 61-76.

Darlyson Feitosa
SQSW 302 Bloco J – Apt. 506
Sudoeste
70693-210 Brasília/DF
Email – darlyson@uol.com.br

8. MOLTMANN, Jürgen, *ibidem*, p. 450-451.